

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-643-0

DOI 10.22533/at.ed.430201512

1. Epistemologia. 2. Teoria do conhecimento. 3. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 121

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas volume 3” reúne 25 artigos de autoras/es diversos sobre temas relacionados às ciências humanas, tornando-a uma obra interdisciplinar que permite às leitoras e aos leitores terem acesso à pesquisas desenvolvidas no Brasil sob os mais diversos aspectos teórico-metodológicos.

Este é o terceiro volume lançado pela Atena Editora cujo mote é apresentar de maneira clara, objetiva, concisa e atual, estudos desenvolvidos nas ciências humanas, nas áreas de ensino e pesquisa, com estudos de caso, estudos comparativos, iconográficos, estatísticas, catalogação, relatos de experiência, dentre outros.

Neste sentido, a obra está dividida em duas seções, sendo a primeira destinada a artigos de pesquisa e a segunda a artigos que trazem aspectos acerca da educação. A linha condutora da obra são os mais diversos tópicos que rodeiam as ciências humanas de pesquisadores em formação inicial e/ou continuada no âmbito da pesquisa e do ensino com artigos abordando assuntos atuais e uma vasta bibliografia.

Sendo assim os artigos, em sua mais diversa abordagem, versam sobre os temas: iconografia, cidades brasileiras e estrangeiras, patrimônio (cultural, imaterial, ambiental urbano), memória, preservação, sentimento de pertencimento, conflitos linguísticos, culinária/gastronomia, biografias, espaço museológico, plantas místicas, práticas agroalimentares, concepções de paternidade, concepções sobre o feminino, discussões acerca do conceito de colonialidade, bem como educação, formação continuada, práticas formativas, educação ambiental, ação docente, dentre outros assuntos.

Em um momento histórico de alta contestação das pesquisas científicas e da própria universidade, obras como esta são de fundamental importância e resistência para divulgar o avanço das pesquisas brasileiras e ressaltar a capacidade de diálogo entre as áreas. Desta forma a Atena Editora se mostra capacitada, articulada e se torna um espaço de divulgação e debate para que pesquisadoras e pesquisadores possam expor e divulgar suas pesquisas e considerações sob os mais diversos temas, trazendo ampla contribuição aos estudos realizados nas ciências humanas.

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A HISTÓRIA DE LONDRINA CONTADA POR IMAGENS: 20 ANOS DE DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA

Paulo César Boni

Cássia Maria Popolin

DOI 10.22533/at.ed.4302015121

CAPÍTULO 2..... 18

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015122

CAPÍTULO 3..... 35

A MEMÓRIA DOS MORADORES COMO POSSÍVEL FERRAMENTA DE PRESERVAÇÃO DE UM BEM: O CASO DO HORTO DEL REY EM OLINDA, PERNAMBUCO

Ariadne Paulo Silva

Jeremy Wells

DOI 10.22533/at.ed.4302015123

CAPÍTULO 4..... 50

A HISTÓRIA E TEORIA DA CONSERVAÇÃO E RESTAURO MEDIANTE AÇÕES PROJETAIS SOBRE A PAISAGEM CULTURAL

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.4302015124

CAPÍTULO 5..... 69

A CONVERGÊNCIA ENTRE PAISAGEM RURAL E PAISAGEM INDUSTRIAL: O CASO DA MINERAÇÃO À CARVÃO VEGETAL DE MADEIRA EM MINAS GERAIS

Ronaldo André Rodrigues da Silva

José Manuel Lopes Cordeiro

DOI 10.22533/at.ed.4302015125

CAPÍTULO 6..... 85

RETUMBANTE NATUREZA HUMANIZADA COMO A MEMÓRIA DA FLÂNERIE DA AMAZÔNIA EM LUIZ BRAGA

Thiago Guimarães Azevedo

DOI 10.22533/at.ed.4302015126

CAPÍTULO 7..... 94

AS MOQUECAS BRASILEIRAS E OS *CURRYS* INDIANOS: UMA ANÁLISE DE ORIGEM

Maria Luiza Bullentini Facury

Alfredo Ricardo Abdalla

DOI 10.22533/at.ed.4302015127

CAPÍTULO 8.....	102
PLANTAS MÍSTICAS DA AMAZÔNIA TOCANTINA: AROMAS, RITUAIS E MEDICINA POPULAR	
Dyana Joy dos Santos Fonseca	
José Pompeu de Araújo Neto	
Jeferson Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4302015128	
CAPÍTULO 9.....	128
BIOMETRIA DOS FRUTOS, SEMENTES E DESENVOLVIMENTO DE PLÂNTULAS DE PATA-DEVACA (<i>BAUHINIA BRASILIENSIS</i> SPRENG. VOGEL) CAESALPINACEAE, FABACEAE	
Katiúscia Freire de Souza	
Marcia Noelle Monteiro de Castro	
Clarice Silva e Souza	
Rosana Gonçalves Rodrigues das Dôres	
Tatiana Vieira Braga	
Juliana Cristina dos Santos Almeida Bastos	
Vicente Wagner Dias Casali	
DOI 10.22533/at.ed.4302015129	
CAPÍTULO 10.....	140
PRÁTICAS AGROALIMENTARES DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS DE TAPEROÁ, BAHIA	
Sara Conceição dos Santos	
Juliede de Andrade Alves	
Luiza Guimarães Cavalcanti Spinassé	
Ianua Coeli Santos Ribeiro de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.43020151210	
CAPÍTULO 11.....	152
O SAKPÓ COMO EXPERIÊNCIA DO LIMIAR NO CONTEXTO SATERÉ-MAWÉ	
Solange Pereira do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.43020151211	
CAPÍTULO 12.....	165
AS CONCEPÇÕES DA PATERNIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PATERNA EM HOMENS-PAIS	
Flávio Lúcio Almeida Lima	
Celestino José Mendes Galvão Neto	
Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli	
DOI 10.22533/at.ed.43020151212	
CAPÍTULO 13.....	181
COLONIALIDADE, MODERNIDADE E DECOLONIALIDADE: EM BUSCA DO GIRO DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.43020151213	

CAPÍTULO 14	199
SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO E A IMPORTÂNCIA DO INDIVÍDUO PARA A HISTORIOGRAFIA	
Rosinda da Silva Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.43020151214	
CAPÍTULO 15	211
IDENTIDADE E PATRIMÔNIO: REALIZANDO O CIRCUITO DA TAIPA DE PILÃO EM MOGI: UM OLHAR SOBRE A CULTURA HISTÓRICA DA CIDADE	
Marcilene Romão Santos Iervolino	
Cristina Schmidt	
DOI 10.22533/at.ed.43020151215	
CAPÍTULO 16	228
CONFLITOS LINGÜÍSTICOS NO PARAGUAI. EMBATES ENTRE O JOPARÁ E AS LÍNGUAS OFICIAIS: CASTELHANO E GUARANI	
Luciano Marcos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151216	
CAPÍTULO 17	247
A CULTURA POLONESA NAS DANÇAS DO GRUPO FOLCLÓRICO KAROLINKA NA CIDADE DE SÃO MATEUS DO SUL – PR	
Ezieli Augustinhak Kaczyk	
Denise Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151217	
CAPÍTULO 18	266
A FORMAÇÃO CONTINUADA SOB O ASPECTO DE PRÁTICAS FORMATIVAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	
João Gabriel Rossi de Oliveira	
Leisa Aparecida Gviasdecki de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.43020151218	
CAPÍTULO 19	277
ENSINO DE GEOGRAFIA: A CONTRIBUIÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS PARA ALFABETIZAÇÃO GEOGRÁFICA	
Vanusa Aparecida Almeida	
Ana Paula de Carvalho Monez	
Luciana Coghi da Cruz	
Luiz Rodrigues	
Maria Margareth Mendonça	
Renata Caroline dos Santos Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151219	

CAPÍTULO 20.....	284
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS ATIVIDADES INTEGRADAS DO NÚCLEO DE ESTUDOS E ORIENTAÇÃO AMBIENTAL - NEO AMBIENT	
Clezi Conforto Zambon	
Ana Maria Taddei Cardoso de Barros	
Sandro da Silva Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.43020151220	
CAPÍTULO 21.....	291
AÇÃO DOCENTE E FORMAÇÃO CONTINUADA: SENTIDOS SUBJETIVOS EXPRESSOS POR UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA	
Sebastião Mateus Veloso Júnior	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151221	
CAPÍTULO 22.....	304
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ENSINO DE CIÊNCIAS: UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DE VÍDEOS PARA TRABALHAR CONCEITOS COM ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DO ENSINO MÉDIO	
Isabella Guedes Martinez	
Elias Batista dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.43020151222	
CAPÍTULO 23.....	311
LÚDICO NO ESPAÇO DE MEMÓRIA MILITAR	
Augusto Machado Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.43020151223	
CAPÍTULO 24.....	320
DEU A LOUCA NO MUSEU	
Aline Ferreira Antunes	
Marina Ferreira de Souza Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.43020151224	
CAPÍTULO 25.....	333
MUSEU NACIONAL E COLÉGIO PEDRO II: O DIÁLOGO ENTRE CASAS IMPERIAIS DEDICADAS AO DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO	
Vera Maria Ferreira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.43020151225	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	349
ÍNDICE REMISSIVO.....	350

CAPÍTULO 2

MOBILIÁRIO URBANO EM ÁREAS HISTÓRICAS: INTERRELAÇÕES INTRÍNSECAS NA PAISAGEM CULTURAL DE LISBOA E SALVADOR

Data de aceite: 01/12/2020

Eder Donizeti da Silva

Universidade Federal de Sergipe.
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Rua Samuel de Oliveira, s/n. Laranjeiras/SE

Adriana Dantas Nogueira

Universidade Federal de Sergipe.
Departamento de Artes e Design
Cidade Universitária Prof. José Aloísio de
Campos. São Cristóvão/SE

RESUMO: Os mobiliários urbanos atendem situações de uso cotidiano como bancos de descanso, abrigo, banquetas e mesas, quiosques multifuncionais, sanitários, coletores de lixo, postes, placas de sinalização, totens informativos, floreiras, protetores de árvores, relógios, termômetros, telefones públicos, canaletas e pisos, etc. Este artigo compara o mobiliário urbano existente na Baixa do Chiado na cidade de Lisboa em Portugal aos do Centro Histórico da cidade de Salvador no Brasil. Interrelações intrínsecas na forma/implantação/fruição desses objetos são pontuadas nestas áreas históricas urbanas, a partir da análise da ordenação, preservação, manutenção, ergonomia, poluição visual, ergonomia relacionada a portadores de necessidades especiais; publicidade e propaganda, projeto do produto, uso e aplicação de cores, falso histórico, diálogo ou não diálogo com o pré-existente histórico, efemeridade, mobilidade, vandalismo, etc.; demonstrando

a diversidade e a complexidade do Design na organização/ informação/ controle/ vivência/ gestão dos espaços públicos no mundo contemporâneo expresso de forma isolada e em conjunto na Paisagem Cultural.

PALAVRAS - CHAVE: Mobiliário; Design; Patrimônio.

ABSTRACT: Urban furniture meets situations of daily use such as resting benches, shelter, stools and tables, multifunctional kiosks, public toilets, garbage collectors, poles, signposts, information totems, flower boxes, tree protectors, clocks, thermometers, public telephones, gutters and floors, etc. This communication compares the existing urban furniture in Baixa do Chiado in the city of Lisbon in Portugal and the Historic Center of the city of Salvador in Brazil. Intrinsic interrelationships in the form / implantation / enjoyment of these objects, are punctuated in these historic urban areas, from the analysis of ordering, preservation, maintenance, ergonomics, visual pollution, ergonomics related to people with special needs, advertising and marketing, Product Project, use and application of colors, historic false, dialogue or not dialogue with the pre-existing history, ephemerality, mobility, vandalism, etc .; demonstrating the diversity and complexity of Design in the organization / information / control / experience / management of public spaces in the contemporary world expressed in isolation and together in the Cultural Landscape.

KEYWORDS: Furniture; Design; Patrimony.

INTRODUÇÃO

As cidades são constituídas de estruturas complexas e multifacetadas, entretanto, pelo senso comum, dois espaços são reconhecidos, os espaços privados ou de domínio individual - propriedades particulares (Meirelles, 2000, p. 17-27), e os espaços públicos ou de direito de uso público ou de interesse público – praças e jardins públicos, vias públicas, áreas de lazer públicas, locais públicos de uso comum, etc. (Afonso da Silva, 2000). Os espaços privados e públicos necessitam de instrumentos de controle, organização, informação, leitura e gestão. Esses instrumentos são de várias ordens, por exemplo, a legislação de uso e ocupação do solo, os planos diretores, etc., mas, para que ocorra um relacionamento equilibrado entre esses instrumentos e os usuários dos espaços públicos, existem equipamentos específicos que acomodam condições de usabilidade, acessibilidade, informação e aplicabilidade, os quais são denominados de mobiliários urbanos.

Os mobiliários urbanos atendem situações de uso cotidiano como bancos de descanso, abrigo, banquetas e mesas, quiosques multifuncionais, sanitários; mas também servem ao adequado funcionamento das atividades de uma cidade (Mouthé, 1998, p. 10-13), são coletores de lixo, postes, placas de sinalização, totens informativos, floreiras, protetores de árvores, relógios, termômetros, canaletas e pisos, etc. (Afonso da Silva, 2000, p. 300). Trabalhar o mobiliário urbano em qualquer espaço público requer preocupações com todos os condicionantes de *Design* próprios ao projeto desse equipamento, mas trabalhar o mobiliário urbano em Cidades Históricas requer também outras preocupações, pois envolve simbologia, percepção, antropologia, história, etnografia, preservação, falso histórico, patrimonialidade, visibilidade, identidade e memória.

Esta comunicação pretende vislumbrar o conhecimento teórico da produção destes equipamentos em duas cidades possuidoras de diversos contrastes sociais/econômicos/geográficos, mas com expressivos elos de conexão cultural/histórica; atentando para um processo de globalização que, ao mesmo tempo, que aproxima as relações humanas acentua suas diferenças (Santos, 2000); portanto, foram desenvolvidas pesquisas de mobiliários urbanos na área histórica da cidade do Salvador comparadas ao da Baixa do Chiado em Lisboa; identificando critérios de *Design*, entre os quais a ordenação, preservação e manutenção; a ergonomia (Granjean, 1998); poluição visual (Frutiger, 1999); ergonomia relacionada a portadores de necessidades especiais; publicidade e propaganda; projeto do produto (Baxter, 1998); uso e aplicação de cores (Farina, 1994); design gráfico - no caso das sinalizações e informações (Baer, 1999).

Nestas duas paisagens culturais, a “Baixa” do Chiado e o “Pelourinho”, aparentemente formadas por “mundos” diferentes, o mobiliário-urbano, como pontuações gramaticais da escrita e linguagem, produzem interrogações, exclamações, pausas, finalizações, etc.; determinando, organizando, controlando e direcionando os percursos nos espaços urbanos vivenciados pelo observador fruidor (Choay, 1999, p. 196); conhecê-los e compará-los

tornam-se, portanto, fundamentais para compreender a diversidade e a complexidade do *Design* na paisagem cultural do mundo contemporâneo e sua implantação em áreas históricas urbanas.

MOBILIÁRIO URBANO EM LISBOA

De acordo com o escritor Olímpio Neves Gonçalves no seu estudo *Lisboa à luz dos seus arcanos* (Revista Graal, nº 2/3, 1982 *apud* Adrião, 2015, p. 09-14) Lisboa é a cidade da velha Mãe Lusiana, a companheira do deus *Lug*, a grande deusa dos Lígures e dos Celtas, a Boa Lusi ou Lusina, a Lusibona, a Lisibona; lugares (*lug* + *ara*, altar de *Lug*); com montanhas, rios e pedras sagradas; Lisboa como todas as cidades das sete colinas é considerada pela tradição como lugar sagrado; vários achados arqueológicos indicam a presença humana desde de 400 mil anos a.C.; sua localização geográfica sempre determinou um entreposto comercial (*Alis Ubo* – baía amena e *Tagus* – Tejo, para os fenícios); no Período Romano atinge o estatuto de *municipium* e é denominada *Olisipo* (Lisboa).

Para a análise do mobiliário urbano de Lisboa foi determinado um percurso que incluía o Largo do Chiado, a Praça Luís de Camões, a Praça do Comércio, as proximidades do Castelo de São Jorge e das Portas do Sol, uma vez que este caminho produz significados que se incidem sobre o observador usuário fazendo com que ele necessite de elos de organização, informação e classificação para vivenciar a paisagem urbana histórica (Cullen, 1971, p. 135).

Uma das questões positivas verificadas no mobiliário urbano de Lisboa se refere às placas de logradouros públicos, apresentam-se de forma padronizada com pouquíssimas diferenças, em material que se remete ao diálogo com as cores e a atmosfera histórica do espaço urbano. As placas de sinalização de trânsito em certos locais atrapalham o deslocamento dos pedestres, bem como em outros, sua implantação torna-se inevitavelmente inadequada. As bancas de jornal e revistas estão mais presentes nas proximidades da Rua Augusta, nas ruas paralelas e não dificultam a passagem dos peões (pedestres), entretanto, no Largo do Chiado não ocorre este cuidado (Figura 1). Estes mobiliários, especialmente as sinalizações de trânsito, deveriam atentar ao que Munari (1981, p. 350) denomina de princípios da proxémica, ou seja, permitir uma convivência tranquila entre o indivíduo e a cidade.



Figura 1 – (esquerda acima): Placa de logradouro público Largo do Chiado, material mármore; (centro acima): Placa Logradouro Praça Luís de Camões, material azulejo; (direita acima): Logradouro Praça do Comércio, material mármore; (esquerda abaixo): Sinalizações de trânsito disputando o espaço com peões e outros equipamentos; (centro abaixo): Sinalização de Trânsito em frente à Catedral da Sé, apesar de necessária a organização/controle do espaço não dialoga com o existente histórico; (direita abaixo): Banca de Jornal/revistas no Largo do Chiado, implantação inadequada.

Fotos: autores, ago. 2014.

Os totens informativos e as placas de locais histórico/turísticos apesar de serem encontrados em pouca quantidade, estão posicionados em locais estratégicos que permitem o que se pode chamar de informar um percurso histórico, portanto, atendem sua função de indicar os locais sem ocasionar poluição visual; uma única crítica ficou por conta da dificuldade de localizar a placa de sinalização de trânsito mais antiga de Lisboa, entretanto, um caso muito específico que não altera o bom projeto deste mobiliário. Já os telefones públicos expuseram um problema de projeto de design que envolve o conceito de usabilidade (Lida, 2005, p. 320), ou seja, o tamanho e a forma ocasionam dificuldades aos peões que passam próximos ao equipamento, bem como, sua utilização apresenta alta transposição dos ruídos para o usuário. A paginação de piso em pedras portuguesas – mosaicos – estampam desenhos curvos e referências a brasões, contudo, apresentam as mesmas problemáticas de usabilidade da cidade de Salvador, ou seja, irregularidades e pequenos buracos (Figura 2).

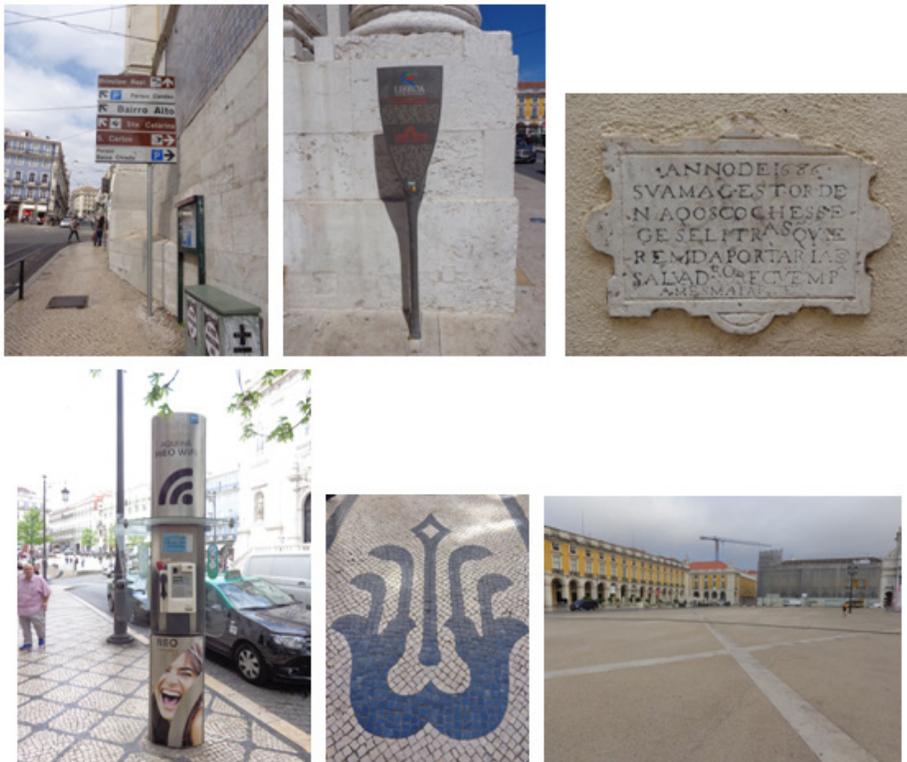


Figura 2 – (esquerda acima): Placas de indicação histórico/turísticas na Rua do Alecrim; (centro acima): Totem informativo no Arco do Triunfo na Praça do Comércio; (direita acima): Sinalização de trânsito mais antiga de Lisboa (1686), Rua do Salvador; (esquerda abaixo): Telefone público no Largo do Chiado próximo à Praça Luís de Camões; (centro abaixo): Paginação de piso da Rua Augusta; (direita abaixo): Paginação de piso da Praça do Comércio.

Fotos: autores, mai. 2014.

Inverso à pequena quantidade de telefones públicos os coletores de lixo são encontrados em grande quantidade, como na Praça Luís de Camões e, praticamente a cada 50 metros (exceção da Rua Augusta); nas Praças, como a do Comércio, são poucos (pela tarde o lixo acumulado transborda o equipamento), é feito de um plástico ou tipo de PVC duro e rígido, a parte superior e lateral traz um elemento importante para uso de fumantes, no entanto, a forma não possui nenhum atrativo estético ou preocupação com o diálogo com o existente, bem como se observou pouca preocupação referente a coleta seletiva. As luminárias das ruas de formato antigo apresentam excelente diálogo com o histórico (simbologia de uma nau lusitana), entretanto, com baixa capacidade de iluminação; na Praça do Comércio as luminárias são de vários tipos ocasionando uma falta de preocupação na padronização. As caixas de correio são de forma e tamanhos totalmente diferentes das brasileiras e apresentam maior segurança devido ao material

com o qual são produzidas (Figura 3).



Figura 3 – (esquerda acima): Coletor de Lixo no largo da Academia Nacional de Belas Artes; (centro acima): Coletor de Lixo na Praça do Comércio; (direita acima): Coletores de Lixo na Praça do Comércio; (esquerda centro): Caixa de correio na frente da Igreja de Santo António; (direita centro): Luminária na Rua Anchieta; (esquerda abaixo): Luminária na Praça Luís de Camões; (centro abaixo): Luminária na Praça do Comércio; (direita abaixo): Luminária na Praça do Comércio.

Fotos: autores, abr. 2014.

A padronização do mobiliário e sua atribuição de diálogo com o existente são os pontos positivos em Lisboa, contudo, começam a existir problemáticas que devem ser pensadas, como a poluição visual decorrente da instalação de condicionadores de ar nas fachadas das edificações, bem como de fiações necessárias a novas tecnologias. Como na cidade do Salvador, a falta de equipamentos voltados aos portadores de necessidades

especiais e sanitários públicos também ocorre em Lisboa (Figura 4).



Figura 4 – (esquerda acima): Detalhe de fachada recoberta por aparelhos de ar condicionado na Rua Capelo; (direita acima): Detalhe de fios (provavelmente de TV a cabo e ou internet) na Rua Ivens; (esquerda abaixo): Telefone público para portadores de necessidades especiais na Praça D. Pedro IV; (direita abaixo): Sanitário público proximidades do Castelo de São Jorge.

Fotos: autores, mai. 2014.

Da análise do mobiliário na “Baixa” do Chiado em Lisboa compreende-se: **1-** Existe um conjunto de ações projetuais que determinam um padrão para cada tipo de mobiliário; **2-** São poucas as soluções remanescentes de outros períodos ou de outras gestões administrativas; **3-** Chamam a atenção questões como: a) placas de logradouros públicos feitas de mármore e azulejos tradicionais; b) totens informativos feitos em ferro e posicionados corretamente sem interferirem no objeto histórico; c) busca do conceito de intervenção mínima na paisagem cultural; d) propostas com pouco uso das cores, com atenção mais voltada as formas e materiais visando diálogo com o existente; e) Uso do tradicional mosaico em pedra portuguesa na paginação de piso dos passeios com desenhos e simbologias que se remetem a tradição lisboeta; **4-** Presença de várias propostas com pouca ou quase nenhuma preocupação com a questão histórica, apenas

com a intenção de prestar o serviço para o qual o equipamento foi designado, como os coletores de lixo e telefones públicos; **5-** Propostas com pouca ou quase nenhuma ousadia, ou seja, projetos com nenhuma diferença dos conhecidos e padronizados; **6-** Importante ressaltar que existem muitos monumentos importantes na paisagem cultural de Lisboa, portanto, a opção foi dar ênfase a estes monumentos como na Praça Luiz de Camões e no Terreiro do Paço, sobrando pouco espaço a invenção do mobiliário; **7-** Ocorrem dois graves problemas, a) pouca ou quase nenhuma preocupação com os portadores de necessidades especiais; b) implantação de equipamentos que não dialogam com o espaço histórico, como condicionadores de ar e fiações pelas fachadas das edificações, especialmente na Rua Augusta e arredores.

MOBILIÁRIO URBANO EM SALVADOR

Fundada em 1549, a cidade do Salvador foi a primeira capital do Brasil; a história do Pelourinho se confunde com o da própria cidade; o nome Pelourinho se popularizou, passando a referir-se a toda a área do conjunto arquitetônico barroco-português, compreendida entre o Terreiro de Jesus e a Igreja do Passo. O Pelourinho antigo, local da aristocracia soteropolitana, entrou em decadência e degradação a partir de 1960; foi tombado como Patrimônio da Humanidade em 5 de novembro de 1985 pela UNESCO quando passou a ser restaurado e preservado” (Disponível em: < www.stp.salvador.ba.gov > Acesso em 10 fev. 2007, 23:50:55. Disponível em: < www.creaba.org.br > Acesso em 11 fev. 2007, 22:32:12).

As ideias presentes no mobiliário urbano do Centro Histórico de Salvador (Bahia) materializam experiências das mais variadas (Mouthé, 1998, p. 10 e 13), entretanto, cabe destacar que, em todas essas ações, sempre se buscou a produção de objetos que dialogassem com a área histórica urbana e, por mais que se tenha conquistado ou não esse diálogo, o ponto positivo reside na ousadia com a qual se tentou isso, e continua se tentando, o negativo é que essa fragmentação de experiências está presente por toda a área histórica resultando no conflito entre os próprios objetos.

Em relação ao mobiliário urbano voltado para a informação, verificam-se objetos que buscam o diálogo através do uso das formas e cores; numa grande variedade, predominam alguns modelos que são encontrados por toda a área histórica urbana, são eles: **A-** letras em metal de alto-relevo que são fixadas nas fachadas das edificações; **B-** placas que buscam o diálogo por meio de formas mais apegadas ao historicismo; **C-** placas de vários materiais (predominando metal e às vezes acrílico) fixadas nas fachadas das edificações; **D-** outra tipologia estaria estabelecida pretensamente no conceito da pós-modernidade no limiar dos chamados mobiliários efêmeros, este modelo tem como solução associar todas as questões anteriores e ter como resposta um objeto que pode ser retirado facilmente; **E-** objetos totalmente “alienígenas” ao contexto da historicidade urbana (Figura 5).



Figura 5 – (esquerda acima): Letras de metal em alto-relevo no Terreiro de Jesus; Figura 4 – (direita acima): Placas de informação comercial feitas de madeira e outros materiais efêmeros na Rua Gregório de Matos; (esquerda centro): Placa em metal na Rua Gregório de Matos, Solar do Ferrão sede do IPAC/BA; (direita centro): Modelo de mobiliário efêmero proximidades do Solar do Ferrão em direção ao Largo Tereza Batista no Pelourinho; (abaixo): Placa informativa (banner) destoando do contexto histórico na Praça Tomé de Souza quase a frente do Elevador Lacerda e Palácio Rio Branco, entretanto de concepção efêmera.

Fotos: autores, abr. 2009.

Muitas soluções projetuais foram observadas no Pelourinho para as placas de logradouros públicos e informativas, entretanto, os coletores de lixo e hidrantes apresentaram formas padronizadas, bem como, em todo o centro de Salvador apenas foi identificado um mobiliário histórico, ou seja, uma caixa de correio do Período Republicano

que sem dúvida nos remete a um produto de outra época/forma/estética e conceitos de usabilidade (Figura 6).



Figura 6 – (esquerda acima): Placa de logradouro feita de azulejos em frente à Igreja de São Francisco da Ordem Primeira; (centro acima): Placa informativa de ferro na Frente da Igreja de São Francisco da Ordem Terceira; (direita acima): Placas de logradouros públicos no Centro Histórico de Salvador na Rua Gregório de Matos com Maciel de Baixo; (esquerda abaixo): Coletor de lixo proximidades do Cruzeiro de São Francisco, em fibra na cor amarela, há muito que se discutir sobre esse mobiliário, como a cor, que, apesar da alta visibilidade e correspondência com as cores da fachada de alguns sobrados, deixa a desejar; (centro abaixo): Hidrante nas proximidades do Cruzeiro de São Francisco, mobiliário urbano que segue padrões e normas nacionais e internacionais; (direita abaixo): Caixa de Correio da época Republicana, Praça Anchieta com a Rua Inácio Acioli na frente da Igreja de São Francisco da Ordem Terceira em Salvador.

Fotos: autores, abr. 2009.

Algumas placas de logradouros públicos são feitas com azulejos, como as de Lisboa, assim como o totem metálico encontrado a frente da Igreja da Ordem Terceira de Salvador é feito de material semelhante aos totens encontrados no Terreiro do Paço em Lisboa, mas de formato diferente, na qual o diálogo com o existente histórico é tentado através do uso de materiais e não da forma; contudo, a maior parte das placas de logradouros são padronizadas, ou seja, dos mesmos tipos que encontramos em qualquer outra cidade no Brasil e em Portugal, de metal na cor azul escuro e letras na cor branca.

O coletor de lixo é o ponto mais negativo do mobiliário urbano do Centro Histórico de Salvador, padronizado e sem nenhuma preocupação de implantação, forma ou cores (Fraser, 2007. p. 10), estão por toda parte e na sua maioria em péssimo estado

de conservação e manutenção. O hidrante é um equipamento de extrema necessidade em áreas urbanas históricas, uma vez que muitos sinistros relacionados à deterioração e degradação irreversível de monumentos arquitetônicos são provenientes de incêndios, os hidrantes seguem a padronização das normas da ABNT no Brasil; em Portugal também se apresentam de forma padronizada, entretanto, algumas vezes ficam embutidos nas paredes das edificações; mas esse objeto tem que realmente ser um “alienígena” em uma área histórica urbana?

Os telefones públicos, pisos dos passeios públicos, luminárias e semáforos são mobiliários que na cidade de Salvador apresentam muitas variações, ou seja, em grande parte se verificam modelos de várias épocas ou gestões públicas anteriores convivendo com a implantação de novos objetos, esta variedade de tipologias provoca uma deficiência de leitura perceptiva de oferta de informação/controlar/usabilidade/aplicabilidade/acessibilidade ao observador fruidor (Figura 7).



Figura 7 – (esquerda acima): Telefones na forma de Coqueiro e Berimbau no Mercado Modelo. Foto: autores, mai. 2015; (centro acima): Telefone padronizado – “Orelhão” - no Terreiro de Jesus; (direita acima): Telefone “pós-moderno” na Praça da Sé; (esquerda abaixo): Falta de diálogo entre calçamento e entorno histórico (calçamento, a luminária e a edificação) nas proximidades da Praça Tomé de Souza e Portal da Misericórdia; (centro abaixo): Luminária na Rua Gregório de Matos; (direita abaixo): Sinalização de trânsito “pós-moderna”, no Centro Histórico de Salvador, na Praça Tomé de Souza.

Fotos: autores, abr. 2009.

As cabines telefônicas públicas no Centro Histórico de Salvador, como em outras cidades brasileiras, já apresentaram várias tipologias, entre as quais as denominadas de retóricas culturais como as em forma de Coqueiro e Berimbau, foi solução muito utilizada nas décadas de 1980 e 1990, agradáveis e receptivos ao imaginário da população e visitantes; o questionamento a essa solução temática e que provavelmente levou a sua substituição por modelos “padronizados”, baseava-se no custo do equipamento, da usabilidade e acessibilidade ao aparelho, atualmente, esse modelo só é visto nas proximidades do Mercado Modelo.

Os “Orelhões”, projeto da arquiteta Chu Ming e implantados no Rio de Janeiro a partir de 1972 (Mouthé, *op.cit.*, p. 30), modelo tradicionalmente encontrado em todas as cidades brasileiras, colocados no Terreiro de Jesus, ao lado da Igreja Matriz, enfatizam a pergunta se esse objeto atende o diálogo com o pré-existente histórico; também se constatou no local mais uma proposta de telefone público denominada aqui de “pós-moderna”, possuindo um *Design* totalmente diferente do espaço histórico existente. Contudo, é preciso verificar se estas propostas resolvem as questões estética, cultural e técnica de uso deste tipo de equipamento frente inclusive ao avanço da telefonia celular; aqui caberiam entrevistas aos usuários, população e aprofundamento de reflexões.

A tentativa de diálogo com a cidade histórica sempre foi a busca do mobiliário em Salvador, entretanto, nem sempre essa questão foi obtida, em muitos casos podem ser observadas soluções não adequadas, outras relativamente aceitáveis e outras interessantes. Há muitos exemplos da falta de diálogo entre o calçamento (piso), a luminária e a edificação, como nas proximidades da Praça Tomé de Souza em direção ao Portal da Misericórdia, esta é uma situação que não se deseja nas propostas de mobiliários urbanos em áreas históricas.

As placas de identificação de logradouros públicos não são de padronização tão rígida como as de sinalizações de trânsito, no *Design* destes mobiliários percebe-se que poderia haver uma melhor solução de diálogo entre o existente e o pré-existente como se verifica na paisagem urbana da cidade de Lisboa (placas feitas de mármore e azulejos); o maior cuidado com o mobiliário urbano da cidade de Lisboa fica mais evidenciado quando se observa nas luminárias lusas no Chiado as hastes com desenhos representativos estilizados de naus, entretanto, nos dois locais históricos (Lisboa e Salvador) deve-se refletir sobre a possibilidade do falso histórico, pois as luminárias, apesar de parecerem antigas foram produzidas recentemente. Ótimos exemplos de mobiliários urbanos na cidade de Salvador são os semáforos, que podem ser considerados “pós-modernos”, os materiais e as cores, bem como a forma traduzem um diálogo excelente com o entorno e atmosfera existentes no Centro Histórico baiano.

Destacam-se pontos positivos e negativos na forma/implantação/relação do mobiliário do Centro Histórico de Salvador com a paisagem cultural urbana como: peças restauradas de mobiliários do passado; criatividade de uso de novas propostas de objetos;

equipamentos com nenhuma relação de diálogo com o existente; pouca preocupação com a instalação e manutenção dos mobiliários; cópias de mobiliários aplicados em outras cidades (Figura 8).



Figura 8 – (esquerda acima): Provável Iluminação do final do XIX e início do XX (réplica?); (centro acima): Bonecas baianas, esculturas que trazem complemento cenográfico de maravilhosa expressividade ao meio urbano, além da mobilidade, pois caso não agradem podem ser retiradas ou substituídas por outro elemento decorativo urbano, o mar, a cidade alta, a cruz, o homem e o coração da Bahia – A Mãe Preta; (direita acima): O toldo desse bar no Terreiro de Jesus abre e fecha de acordo com a necessidade das intempéries, um efeito de mobilidade interessante que necessita ser mais estudado enquanto mobiliário urbano; (esquerda centro): Banco de descanso em granito na Praça da Sé, nenhum diálogo com o existente histórico; (centro no centro): Iluminação do Cruzeiro da Igreja e Convento de São Francisco da Ordem Primeira (Praça Anchieta) pouco ou nenhum cuidado de manutenção e instalação; (direita centro): Protetor de árvore no Terreiro de Jesus, pouco ou nenhum cuidado com a manutenção ou instalação; (esquerda abaixo): Placa de sinalização na Rua da Misericórdia na mesma plataforma da luminária, pouco ou nenhum cuidado com a paisagem cultural urbana. Fotos: autores, abr. 2009; (direita abaixo): Totem com o nome Salvador na cor amarela e com desenhos estilizados na Praça Tomé de Souza projeto de mobiliário cópia de marketing turístico utilizado por muitas cidades pelo mundo, menos em Lisboa (ainda?).

Foto: autores, mai. 2015.

Da análise do mobiliário no Centro Histórico de Salvador, compreende-se: **1-** Existe variabilidade de ações, não uma ação em conjunto; **2-** Ocorrem soluções remanescentes de outros períodos, apresentando objetos “modernos” e “pós-modernos” que não dialogam entre si; **3-** Chamam a atenção questões como: a) presença de caixas de correios do século XIX em ferro fundido; b) placas e memoriais informativos em ferro fundido; c) mobiliários utilizando o conceito de efemeridade, ou seja, preocupação com materiais e objetos que possam ser removidos se necessário da edificação, dentro da noção de mobilidade, flexibilidade e intervenção mínima; d) propostas de objetos com diálogo com o pré-existente através do uso das cores, das formas e dos materiais que se associam facilmente com a Paisagem Cultural; **4-** Presença de várias propostas com pouca ou quase nenhuma preocupação com a questão histórica, apenas com a intenção de prestar o serviço para o qual o equipamento foi designado, como coletores de lixo, hidrantes, sinalizações e placas de logradouros públicos; **5-** Propostas ousadas sem medo de fazer equipamentos diferentes dos conhecidos e padronizados, como por exemplo, o toldo que se fecha e abre para dialogar com as fachadas existentes e os semáforos com formas mais estilizadas no Terreiro de Jesus; **6-** Chama à atenção a criatividade artística das soluções dadas em algumas das propostas implantadas, como por exemplo, as esculturas das baianas tendo ao fundo a Baía de Todos os Santos num resultado cenográfico muito especial, bem como, propostas arrojadas de telefones públicos; apesar do local sempre aceitar inúmeras possibilidades de ações plásticas, trata-se de um local histórico urbano, portanto deve haver mais cuidado com as invenções, mas elas sempre serão bem vindas; **7-** Muitos dos equipamentos se apresentam em péssimas condições de conservação e manutenção; **9-** Se percebe que muitos equipamentos foram projetos decorrentes de informações/ influências/modelos inspirados em outras cidades, ou seja, como se fossem uma moda geral que passou a ser aplicada em todos os locais, como por exemplo, o totem com o nome da cidade de Salvador na Praça Tomé de Souza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo mobiliário urbano tem várias origens, como do francês *mobiler urban* ou do inglês *urban furniture* ou do italiano *arrédo urbano* (MOUTHÉ, 1998, p. 10), no Brasil e em Portugal se adotou o conceito francês no tratamento destes equipamentos; contudo, a teoria da preservação e restauro (RIEGL, 1985), bem como estudos sobre ações intervencionistas e preservacionistas em áreas históricas urbanas não têm citado como agir sobre o mobiliário urbano (CERVELLATI; SCANNAVINI, 1973), (BOTTINO, 1975); também pouco se encontram referências específicas sobre tratamento do mobiliário urbano em relação à tutela jurídica dessas áreas (CASTRO, 1991). Mesmo o Estatuto da Cidade no Brasil (MEDAUAR; ALMEIDA, 2002) não contempla nenhuma questão sobre o assunto; geralmente, o mobiliário urbano tem sido deixado a cargo do ente municipal, nos parece,

portanto, que em Portugal e no Brasil, prevalecem estas mesmas considerações gerais.

De forma específica, o Design de mobiliários nas áreas históricas urbanas do “Centro do Histórico” de Salvador e da “Baixa” de Lisboa demonstram diferenças e semelhanças relacionadas ao projeto e implantação; as diferenças estão expressivamente num projeto mais padronizado em Lisboa, ou seja, não são vistos remanescentes ou variações muito diferenciadas para as tipologias existentes; bem como, ocorre um cuidado maior no que denominamos de diálogo com o existente histórico; as semelhanças apontam para situações ruins que aproximam esses dois “mundos” aparentemente distantes, como a falta de preocupação com os portadores de necessidades especiais e o acelerado processo de transformação da economia e tecnologias que resultam na instalação de equipamentos para que as edificações atendam novos usos ocasionando alteração das fachadas das edificações e, conseqüentemente, a poluição visual da paisagem cultural.

Na cidade de Salvador podem ser vistos mais remanescentes de mobiliários aplicados em vários períodos, bem como, variabilidade de ações que não representam um projeto único de mobiliário urbano que incluam os equipamentos necessários a informar e organizar a cidade; apesar deste aspecto também ser visto na cidade de Lisboa, apresenta-se em menor incidência. Em relação a mobiliários do passado chamou a atenção em Salvador uma caixa de correio do período republicano, final do século XIX, nas proximidades da Igreja de São Francisco da Ordem Terceira, já em Lisboa, encontramos uma sinalização de rua de 1686 nas proximidades das Portas do Sol, uma das mais antigas da Europa; entretanto, nos dois casos, existe por parte das administrações municipais a necessidade de trabalhar melhor com esse potencial.

Os projetos de mobiliários conceituados como efêmeros podem ser notados mais em Salvador do que em Lisboa; assim como, o uso das cores nos projetos de mobiliários em Salvador são mais expressivos do que nas propostas de Lisboa, esta questão pode estar associada ao maior conservadorismo das propostas em Portugal, bem como, a uma padronização de equipamentos implantados não apenas na área urbana histórica de Lisboa, mas também em bairros fora destas regiões. Fato comum nas duas cidades é a existência de mobiliários com pouca ou quase nenhuma preocupação com a questão histórica, apenas com a intenção de prestar o serviço para o qual o equipamento foi designado.

Propostas mais ousadas sem medo de fazer equipamentos diferentes dos conhecidos e padronizados, como por exemplo, o toldo que se fecha e abre para dialogar com as fachadas existentes e os semáforos com formas estilizadas são mais verificadas em Salvador, em que chama à atenção a criatividade artística das soluções dadas em algumas das propostas implantadas, como por exemplo, as esculturas das baianas tendo ao fundo a Baía de Todos os Santos num resultado cenográfico muito especial, bem como, propostas arrojadas de telefones públicos e retóricas culturais (coqueiros e berimbaus); em Lisboa parece imperar um cuidado maior com a implantação desses objetos, uma vez que nos locais encontram-se monumentos (esculturas e marcos) que quase não admitem

relacionamento com inovações e ousadias; cabe aferir que apesar de Salvador sempre aceitar inúmeras possibilidades de ações plásticas, trata-se de um local histórico urbano, portanto deve haver mais cuidado com as invenções e cópias de outras cidades, como no caso do totem na Praça Tomé de Souza com o nome da cidade na cor amarela, entretanto, a criatividade e a diversidade sempre serão bem vindas.

Fator que aproxima os equipamentos de Lisboa e Salvador são as condições de conservação e manutenção, sendo que os de Salvador apresentam-se em piores condições; contudo se buscarmos uma grande semelhança entre os mobiliários destas cidades, esta pode ser determinada pela falta de cuidado com a acessibilidade, mobilidade e informação aos portadores de necessidades especiais; e uma grande diferença, pode ser determinada a partir do cuidado administrativo por parte da cidade de Lisboa de não provocar excessiva poluição visual informativa e funcional nas áreas históricas urbanas, apesar da necessidade de novos usos das edificações históricas, como colocação de aparelhos de ar condicionado e cabeamento nas fachadas, ocasionando resultados tão ruins quanto em Salvador.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Vitor Manuel. **Lisboa Secreta: Capital do Quinto Império**. Lisboa: Vega, 2015.

AFONSO DA SILVA, José. **Direito Urbanístico Brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050. 1994. Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço mobiliário e equipamento urbanos/associação Brasileira de Normas Técnicas Rio de Janeiro: ABNT, 1994. 59 p il.; 29,7 cm.

BAER, Lorenzo. **Produção Gráfica**. São Paulo: SENAC, 1999.

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto: guia prático para o desenvolvimento de novos produtos**. São Paulo: Edgard Blucher, 1998.

BOTTINO, Felicia. **L'Esperienza Italiana: bologna. In Centri Storici e Strutture Commerciale**. Milano: Associazione Italiana di Urbanistica Commerciale, 1975.

CASTRO, Sonia Rabello de. **O Estado na Preservação de Bens Culturais: o tombamento**. Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CERVELLATI, Píer Luigi; SCANNAVINI, Roberto. **Política y Metodologia de la restauracion de Centros Históricos**. Bologna: materiales de la Ciudadade, 1973.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Lisboa: Edições 70, 1999.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, 1971.

ESTATUTO DA CIDADE: Lei 10.257, de 10.07.2001 / Carlos Bastide Horbach... [et al]; coordenadores Odete Medauar, Fernando Dias Menezes de Almeida – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

FRASER, Tom; BANKS, Adam. **Guia Completo da Cor**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais & Símbolos: desenho, projeto e significado**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GRANJEAN, Etienne. **Manual de ergonomia**. Porto Alegre: Bookman, 1998.

IIDA, Itiro. **Ergonomia projeto e produção**. 2 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 2005.

MEIRELLES, Hely Lopes. **Direito de Construir**. 8 ed. São Paulo: Malheiros, 2000.

MOUTHÉ, Claudia. **Mobiliário Urbano**. Rio de Janeiro: 2AB, 2005.

MUNARI, Bruno. **Das Coisas Nascem Coisas**. Lisboa: Edições 70, 1981.

PELOURINHO. Disponível em: < www.creaba.org.br > Acesso em 11 fev. 2007, 22:32:12.

RIEGL, Alois. **El culto Moderno a los Monumentos: caracteres y origen**. Madrid: Coleccion: la balsa de la Medusa, 7. Visor Distribuciones, 1985.

SALVADOR. Disponível em: < www.stp.salvador.ba.gov > Acesso em 10 fev. 2007, 23:50:55.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SINALIZAÇÃO DE TRÂNSITO NO BRASIL - CONTRAN. Disponível em < http://www.detran.se.gov.br/educ_sinalizacao_regulamentacao.asp > Acesso em 23 de ago. 2008, 13:15:08.

USABILIDADE. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Usabilidade> > Acesso em 12 de abr. 2008, 22:18:45.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidades Brasileiras 9, 29, 216

Conflitos Linguísticos 9, 12, 228

Conservação e restauro 10, 50, 51, 52

D

Documentação fotográfica 10, 1, 2, 5, 6, 8, 12, 16, 17

E

Educação 9, 12, 13, 47, 56, 59, 102, 125, 146, 170, 172, 173, 174, 177, 179, 202, 210, 224, 231, 233, 241, 242, 244, 245, 251, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 302, 303, 305, 307, 310, 311, 312, 313, 316, 319, 320, 321, 322, 323, 332, 333, 335, 336, 339, 340, 342, 346, 347, 348, 349

Educação Patrimonial 224, 311, 313, 340

Educação Profissional 12, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 339

Ensino de Ciências 13, 304

Ensino de Geografia 12, 277, 278

Ensino de História 319, 349

Etnobotânica 102, 126

F

Feminino 9, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 173, 180

Formação Continuada 9, 12, 13, 266, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 291, 292, 299, 300, 301, 302

G

Gênero Biográfico 12, 199, 201, 202, 203, 207, 208, 209

I

Identidade 11, 12, 3, 10, 11, 17, 19, 35, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 59, 66, 73, 155, 165, 167, 169, 170, 172, 174, 178, 188, 192, 197, 203, 211, 212, 224, 233, 236, 239, 240, 251, 262, 263, 264, 265, 273, 296, 326

Iniciação científica 333, 339, 342, 343, 347

L

Ludicidade 311, 314, 315, 316, 317

M

Mobiliário Urbano 10, 18, 19, 20, 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34

Morfologia 127, 128, 131, 133, 134, 136, 137

P

Paisagem cultural 10, 18, 20, 24, 25, 29, 30, 32, 41, 50, 69, 71, 72, 73, 82, 211, 213

Paisagem industrial 10, 69, 71

Paisagem rural 10, 69

Paternidade 9, 11, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 194, 323

Patrimônio ambiental urbano 50, 57, 63, 64, 66

Patrimônio Histórico Cultural 212, 214, 225, 226

Patrimônio industrial 62, 66, 69, 260

Pertencimento 9, 2, 4, 35, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 149, 159, 211, 213, 224, 282, 300, 302

Políticas Públicas 140, 147, 150, 178, 211, 213, 225, 275, 284, 286

Práticas agroalimentares 9, 11, 140, 142, 149, 151

Práticas Pedagógicas 269, 278, 282

S

Sabedoria popular 102

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

ALINE FERREIRA ANTUNES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 